

COMUNIDADE DE PRÁTICA E IDENTIDADES DOS PROFESSORES BIBLIOTECÁRIOS: O CASO DA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES DO PORTO

Natividade Santos
Escola Básica À Beira Douro - Medas
snatividade@gmail.com

Amélia Lopes
Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da U. Porto
amelia@fpce.up.pt

Resumo

As escolas enfrentam o desafio de preparar para um mundo em constante mudança e as bibliotecas escolares têm um papel fundamental nesta área para a qual a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP) tem contribuído.

Esta é uma comunidade de professores bibliotecários que têm trabalhado colaborativamente, de forma inovadora, numa perspectiva de rentabilização das potencialidades mais recentes das Tecnologias da Informação e Comunicação. Dois aspectos fundamentais desta rede são a formação dos profissionais aderentes e a utilização de uma plataforma na Internet, para divulgar e partilhar o trabalho desenvolvido.

Este artigo tem por objectivo reflectir acerca da construção identitária desta comunidade de profissionais, através do que a RBEP representa para eles. Serão referidos os contextos de emergência da RBEP, a sua constituição, o seu funcionamento e objectivos. A teoria das comunidades de prática de Etienne Wenger fundamenta a abordagem. Do ponto de vista empírico, apresentam-se resultados de questionários e entrevistas a professores membros da RBEP.

Os resultados permitem aprofundar o papel desta comunidade nas práticas e nas identidades dos professores e esboçar o seu impacto na profissionalidade dos professores bibliotecários.

Concluiremos reflectindo sobre o que da experiência da RBEP pode ser transferido para outros grupos de professores.

Introdução

No final do século XX, em 1996, os Ministérios da Educação e da Cultura lançaram a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) numa iniciativa conjunta, devido ao contexto de carências em recursos e de pessoal nas bibliotecas escolares (Calixto, 1996; Cabral, 1996; Eloy Rodrigues, 1998). Os objectivos desta rede eram instalar bibliotecas escolares, concebidas como centros de recursos multimédia de livre acesso, e disponibilizar os recursos necessários à leitura, à utilização e à produção da informação em diferentes suportes, nas escolas públicas de todos os níveis de ensino, tarefas concretizadas por uma equipa de professores e de técnicos com formação adequada (Calçada, 2009). Foi, então, constituído um grupo de trabalho, criado pelos despachos conjuntos n.º 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro e n.º 5/ME/MC/96, de 9 de Janeiro. Teresa Calçada e José António Calixto, que faziam parte deste grupo, elaboraram um relatório-síntese - “Lançar a rede de bibliotecas escolares” (1997) -, no qual faziam um diagnóstico das bibliotecas escolares e forneciam linhas de orientação técnica para o seu funcionamento. Para além disso, também recomendavam a criação dos SABE (Serviços de Apoio às Bibliotecas

Escolares), no âmbito das competências das bibliotecas municipais, para realizarem um trabalho articulado com as bibliotecas escolares.

A partir dessa data, as bibliotecas escolares começaram a ser apetrechadas em mobiliário, equipamento e fundo documental, através de um processo de candidatura que as escolas dirigiam à RBE. Para além de equipamentos, este programa também interveio na formação de recursos humanos responsáveis pela gestão e pelo funcionamento da biblioteca escolar.

Apenas no final de 2008 todas as escolas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico, escolas básicas integradas e sedes de agrupamento passaram a pertencer à Rede de Bibliotecas Escolares (Calçada, 2009), finalizando desta forma o processo de cobertura nacional.

Paralelamente, e num contexto de formação, onze professores coordenadores de bibliotecas escolares de diferentes níveis de ensino do distrito de Porto, a partir de 2002, iniciaram, numa plataforma da Internet, a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP), que, em 2005, foi apoiada pelo PRODEP e pelo Centro de Formação João de Deus. A RBEP tinha, então, como intervenientes, os professores coordenadores de bibliotecas, movidos pela vontade de melhorar a qualidade do ensino, de proporcionar melhores condições de aprendizagem, e de promover a leitura, contribuindo também, desta forma, para o Plano Nacional de Leitura.

Neste artigo, apresentam-se resultados preliminares de um estudo em desenvolvimento que tem por objectivos caracterizar a estrutura e dinâmica da RBEP enquanto comunidade de prática, no sentido que lhe é dado por Wenger (1998), e analisar o seu impacto na construção da identidade dos professores bibliotecários.

Após referência aos eixos teórico e metodológico do estudo, apresentaremos a RBEP – o contexto de emergência, a extensão, os objectivos e o funcionamento. Procuraremos, depois, caracterizar esta comunidade de professores bibliotecários como uma comunidade de prática, tal como o conceito é descrito por Wenger (1998, 2005). Faremos isso através dos resultados obtidos em questionários, análise da plataforma e em entrevistas a seus membros. Na discussão destes dados, apresentaremos a perspectiva dos inquiridos e dos entrevistados sobre o impacto que esta comunidade tem nas práticas, na profissionalidade e na identidade dos professores bibliotecários, salientando a singularidade da rede e as modificações / novidades que ela trouxe para o domínio das bibliotecas escolares. Por fim, concluiremos sobre os dados apresentados e a possível transferência da experiência da RBEP para outros meios educativos.

Aspectos teóricos e metodológicos

Étienne Wenger, investigador suíço, durante uma conferência, em 1988, lançou o conceito “community of practice CoP”, conceito que viria a revolucionar a gestão do conhecimento nas empresas no mundo inteiro. Com as comunidades de prática valoriza-se a aprendizagem em

contexto de trabalho (Wenger, 1998; 2002; 2005), distinguindo comunidades de indivíduos que partilham afinidades e interesses comuns de comunidades de profissionais. As comunidades de prática são grupos de pessoas que partilham informações e conhecimentos ou procuram soluções para problemas relacionados com a sua prática profissional. Os membros da Comunidade de Prática partilham as mesmas tarefas e acções, trazem as suas contribuições para a comunidade, criando uma organização informal e o sentido da identidade profissional. Nas comunidades de prática, profissionais em rede actualizam suas competências e discutem tópicos, juntam-se (presencialmente ou online) para desenvolver conhecimento de forma a criar uma prática em torno desses tópicos.

Uma comunidade de prática é uma combinação de três elementos:

- um **domínio** de conhecimentos delimitando um conjunto de assuntos (o objecto central da comunidade sobre o qual ela funda a sua identidade). No caso da RBEP o domínio é o das Bibliotecas Escolares.
- uma **comunidade** de indivíduos que se interessam por esse domínio: as interacções entre os membros que determinam o seu empenhamento mútuo e empreendimento conjunto e a sua vontade de participar na comunidade;
- finalmente, uma **prática** partilhada e desenvolvida sobre as temáticas do domínio: as ideias, os quadros de referência, as ferramentas, as histórias partilhadas, os documentos, os saberes... que são construídos e trocados na comunidade. A mais-valia da comunidade consiste no conhecimento adquirido sobre a sua prática profissional.

A Internet favorece uma comunicação rápida e é uma oportunidade para as comunidades de prática serem mais activas. Por outro lado, leva a que estas assumam cada vez mais um carácter virtual, porque permite a comunicação à distância de forma síncrona e assíncrona, evitando os encontros presenciais.

Wenger (1998, 2005:167) considera que as questões de comunidade de prática e de identidade estão interligadas, assim, “a formação de uma comunidade de prática é igualmente a negociação de identidades”. Existe uma ligação profunda entre identidade e prática: “desenvolver uma prática necessita da formação de uma comunidade cujos membros podem empenhar-se entre eles e assim reconhecerem-se mutuamente enquanto participantes” (ibid.).

Segundo Marc (2004: 34), a identidade é construída num duplo movimento de assimilação e de diferenciação, de identificação aos outros e de diferenciação em relação a eles.

Para Dubar (1997), a construção de identidades profissionais é um processo interaccional que articula duas transacções entre indivíduos e outros: uma interna ao indivíduo, subjectiva ou biográfica (identidade para si, destacando mecanismos de identificação), e outra externa, entre o indivíduo e as instituições, objectiva e relacional (identidade para o outro, na qual se destacam

mecanismos de atribuição). De acordo Lopes (2008), o outro da transacção relacional pode corresponder ao nível interpessoal, grupal, organizacional e societal.

Para Lopes (2008), a identidade profissional é simultaneamente uma identidade individual e uma identidade colectiva; a identidade profissional não é, portanto, separável, nem das identidades individuais como um todo, nem das identidades colectivas que as sustentam e informam. Em cada desempenho colectivo estão presentes as identidades individuais, assim como em cada desempenho individual estão presentes as identidades colectivas e as demais dimensões da identidade individual.

A identidade profissional do professor bibliotecário pertencente à RBEP (“rebeplano”) torna-se uma identidade colectiva, a do grupo de trabalho, e define-se pela pertença a esta comunidade, pela trajectória de aprendizagem na comunidade e pela práticas adquiridas através da participação. A individualidade de cada bibliotecário não está posta de parte, mas é respeitada e considerada como mais-valia na comunidade. A identidade profissional do professor bibliotecário, como outras identidades profissionais, é moldada por diversas componentes de natureza cultural, linguística, política, económica e pela aceleração das mudanças sociais e tecnológicas e, como tal, encontra-se em construção permanente.

Nóvoa (1995:16) salienta a complexidade do processo de criação de identidade: *“A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão”*. Como salienta ainda, a formação do professor não se constrói por acumulação de acções de formação ou de conhecimentos, mas desenvolve-se através de um trabalho de *“reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade.”* (Nóvoa, 1992, 25). Este processo dinâmico exerce-se ao longo da existência (Marc, 2004: 38) e, por isso, contempla uma dimensão temporal (Nóvoa, 1995:16). É um processo que necessita de tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças.

Nos últimos anos, a questão da identidade profissional dos professores bibliotecários tem sido debatida. Pinto e Ochôa (2007:84) consideram que: *“a sociedade de informação veio demonstrar a fragilidade das identidades construídas, talvez pela formação, talvez pela incapacidade de responder rapidamente às mudanças ou ainda pela quase inexistência de forças de ligação entre os seus profissionais”*. A questão é a de saber se há uma identidade profissional dos professores bibliotecários e como é que ela se caracteriza. Será que estes profissionais têm um sentimento de pertença a um grupo profissional? Num contexto conturbado de avaliação docente, de falta de legislação¹ que enquadre o professor bibliotecário, de interrogações quanto ao seu futuro profissional, somos levados a questionar-nos sobre o que querem ser os professores bibliotecários, e que práticas profissionais desenvolvem.

Na literatura científica recente, é explicado que o bibliotecário ainda procura o seu reconhecimento. É sabido que esta profissão exige muitas competências e se desdobra em muitos perfis profissionais: documentalista, arquivista, bibliotecário... Pinto e Ochôa (2007) falam de crise da profissão e muito em particular da identidade profissional dos professores bibliotecários que está diluída pelas múltiplas competências que têm de partilhar com outras áreas profissionais. Na literatura científica, o professor bibliotecário tem funções educativas a exercer, sendo necessário *“estar inteiramente ligado aos esforços dos educadores e não constituírem um apêndice para a escola”* (Corrêa et al., 2002: 110). Assim, cabe-lhe formar também indivíduos críticos e criativos e contribuir para o sucesso educativo.

Em Portugal, segundo Dias (1996, citado por Novo: 2007:59), a pesquisa sobre o papel que as bibliotecas e o bibliotecário escolar têm no sucesso educativo é pouco significativa. A nível mundial existe, segundo Novo (2007:59), um variado leque de estudos quantitativos e qualitativos que concluem que as bibliotecas e os bibliotecários escolares melhoram o aproveitamento dos alunos e têm impacto no sucesso escolar e na sua aprendizagem. Os estudos de Keith Curry Lance revelam, segundo Novo (2007: 60), que *“a biblioteca escolar pode ter impacto positivo no sucesso escolar e que este é superior em qualquer tipo de estabelecimento de ensino onde exista um bibliotecário, onde o pessoal da biblioteca dedica mais tempo aos estudos da literacia da informação com os alunos, onde exista colaboração entre bibliotecário e professores e treino de professores no acesso à informação, e onde os alunos fazem visitas frequentes à biblioteca”*.

A literatura científica salienta, ainda, a importância do professor bibliotecário trabalhar a tempo inteiro, existindo, assim, nas actividades de instrução, com alunos e professores, um envolvimento maior do que quando o bibliotecário trabalha a tempo parcial.

A mudança de paradigma em que vivemos aponta para a centralidade da biblioteca escolar no meio escolar. O escritor norte americano Shelby Foote salientou essa centralidade referindo-se ao contexto universitário: *“A university is just a group of buildings gathered around a library”*, o que ilustra bem a mudança de paradigma que vivemos actualmente. Rick Mulholland parafraseou Shelby Foote afirmando: *“a school is just a group of classrooms gathered around a library”*. A mesma ideia foi explorada por Henri James, presidente da Internacional Association of School Librarianship (IASL), na conferência *“School libraries: all about learning”*, no Porto, no dia 6 de Março 2009: não se trata de termos a biblioteca dentro da escola, mas a escola inteira dentro da biblioteca.

Neste artigo, apresentam-se resultados que respondem de forma preliminar a algumas destas questões, resultados obtidos com base na informação recolhida através de análise da área restrita da plataforma e de questionários e entrevistas a professores bibliotecários: um questionário

(QA) foi distribuído nas sessões de formação e à distância, através do correio institucional da plataforma RBEP, e compreende 20 questões: 16 de escolha múltipla, 3 de desenvolvimento breve e uma questão que convidava à ordenação dos itens por ordem de importância. Outro questionário (QB) foi enviado por um Coordenador da RBEP e incluía uma só questão aberta: “Para si, o que representa a RBEP?”. As entrevistas semi-estruturadas (E) seguiram um guião orientador constituído por cinco blocos, havendo uma introdução de legitimação da entrevista; um primeiro bloco sobre a pertença à RBEP e a mudança identitária; um segundo bloco sobre a formação dos professores bibliotecários da RBEP e a sua identidade profissional; um terceiro bloco sobre o impacto das TIC e a rede local / rede virtual; um quarto bloco sobre a identidade pessoal e a satisfação profissional e, por fim, um quinto bloco, que não abordamos neste artigo, sobre o bibliotecário escolar e a comunidade educativa.

Os resultados permitem aprofundar o conhecimento das práticas e das identidades dos membros da comunidade, assim como esboçar o impacto da RBEP na profissionalidade destes professores.

2. A Rede de Bibliotecas Escolares do Porto

A partir de 1998, os diferentes formadores em bibliotecas escolares do distrito do Porto contribuíram para o nascimento da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto, trabalhando com uma comunidade de pessoas interessadas em realizar formação, desde os módulos mais básicos, de iniciação, ao aprofundamento de conhecimentos em biblioteconomia: indexação, catalogação, animação de biblioteca escolar. Pouco a pouco, essa comunidade foi adquirindo competências no domínio das Tecnologias da Informação e Comunicação, na partilha e troca de ficheiros, no envio de correio electrónico, na linguagem HTML, etc. Estavam lançados os eixos de intervenção da RBEP: o desenvolvimento / aperfeiçoamento do portal electrónico e plataforma de *e-learning*; a divulgação e produção de conteúdos para o portal; a formação dos responsáveis de novas bibliotecas aderentes; a formação de utilizadores (professores, alunos, funcionários, famílias). Assim, em 16 de Março de 2005, nascia, por protocolo assinado entre a Câmara Municipal do Porto, o Agrupamento Vertical Augusto Gil e o Centro de Formação João de Deus, a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto. Esta rede contém o Catálogo Colectivo das Bibliotecas Escolares dos Agrupamentos e das Escolas Secundárias cooperantes que assinaram um protocolo com a RBEP.

A RBEP continua em expansão e já ultrapassa os limites do concelho do Porto, tendo integrado escolas de Gondomar, Maia, Gaia, Matosinhos, Póvoa de Varzim, Penafiel e Paredes. Através da plataforma da RBEP, qualquer escola pode aderir a esta rede preenchendo um formulário

online que está associado a uma base de dados. Esta plataforma baseia-se na filosofia da Web 2.0, tendo a vantagem de não ser comercial e de não estar à mercê de publicidade.

2. 1 A extensão, estrutura e objectivos da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto

a). A extensão da RBEP

Dos dados recolhidos, verificamos que a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto está mais implantada em agrupamentos verticais (Fig. 1). Em Maio de 2009, integravam a RBEP 25 escolas secundárias não agrupadas e 31 agrupamentos dos quais faziam parte 243 escolas básicas e jardins-de-infância que possuem bibliotecas.

Para além destas escolas, há ainda 7 instituições cooperantes da RBEP (10 %): o Centro de Recursos e Investigação para a Literatura Infantil e Juvenil – CRILIJ; o Conservatório de Música do Porto, a Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral – APPC; a Biblioteca Municipal Almeida Garrett e o Centro de Formação Guilhermina Suggia; a Direcção Regional do Norte; e o Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE). A comunidade RBEP é na sua maioria constituída por professoras (89%). Os professores (11%) estão, na sua maioria, em escolas secundárias.

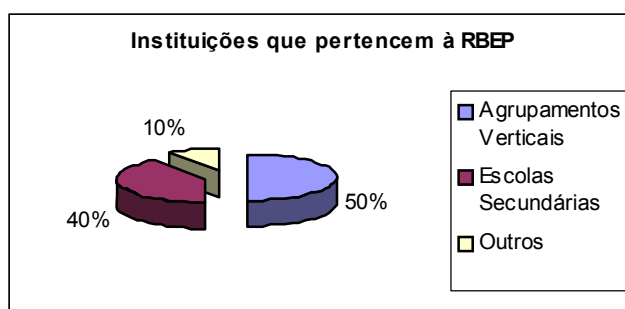


Figura 1: Distribuição dos tipos de instituição que pertencem à RBEP

b). Estrutura da RBEP

A RBEP, à medida que foi crescendo, sentiu necessidade de ter uma estrutura formal mínima. Por isso, foi criado um regulamento interno de funcionamento, que se traduz num Regulamento de Cooperação, onde são definidos os objectivos e as normas gerais de organização e de funcionamento de cooperação na RBEP. No artigo primeiro do Regulamento de Cooperação, a RBEP define-se como:

uma estrutura de cooperação aberta à livre participação de todas as Bibliotecas Escolares / Centros de Recursos (BE/CRE) do distrito do Porto, visando o fomento de uma política coordenada de aquisições, a compatibilização e a troca de informação bibliográfica e a dinamização do empréstimo interbibliotecas, assente na observância de princípios técnicos

(biblioteconómicos e informáticos) comuns, através de uma plataforma tecnológica com o seguinte endereço electrónico: www.cmp-porto/rbep.

c). Objectivos da RBEP

No Regulamento de Cooperação, no artigo terceiro, são apresentado os objectivos da RBEP:

- a) Constituir e manter online o Catálogo Colectivo das Bibliotecas Escolares / Centros de Recursos dos Agrupamentos e Escolas Secundárias do distrito do Porto.
- b) Servir de suporte à investigação, à formação e à difusão cultural.
- c) Fomentar o empréstimo interbibliotecas e políticas de aquisições que visem a optimização de recursos e a dinamização e a promoção da leitura e da escrita criativa.

2. 2 Funcionamento da RBEP

O artigo quatro do Regulamento de Cooperação define a Organização e funcionamento da RBEP, nomeadamente os seus Órgãos de Direcção e Gestão: uma Assembleia Geral de Representantes dos Agrupamentos e Escolas Secundárias aderentes à RBEP - (Escolas Cooperantes) e de outras entidades com adesão protocolada (Assembleia Geral de Cooperantes (AGC); uma equipa Coordenadora (EC); e um Conselho Técnico / Científico (CTC).

O artigo quinto do Regulamento de Cooperação define quem são os cooperantes e os seus deveres e direitos. Assim, são cooperantes professores coordenadores das Bibliotecas Escolares / Centros de Recursos Educativos (BE/CRE) representantes dos Agrupamentos e das Escolas Secundárias e de outras entidades com serviços de documentação devidamente organizados e que tenham subscrito o protocolo de adesão à RBEP. Estes têm uma série de deveres: firmar um protocolo de adesão; disponibilizar o catálogo actualizado da BE/CRE que representa, de acordo com as normas e critérios estabelecidos pela equipa de coordenação da RBEP; e colaborar com os órgãos de direcção e gestão da RBEP na concretização do plano de actividades da mesma. Os seus direitos são: o acesso à RBEP de forma livre e gratuita; o apoio técnico (biblioteconómico e/ou informático), nos termos e condições a definir pela equipa de coordenação da RBEP; a participação em condições preferenciais nas acções de formação realizadas pelo CFJD, no âmbito da RBEP; o acesso a todas as facilidades de que a RBEP dispõe; e, por fim, a integração nos órgãos de direcção e gestão da RBEP.

O artigo sexto do Regulamento de Cooperação refere as Competências da Assembleia Geral de Cooperantes e o seu modo de funcionamento. São atribuídas diversas competências à Assembleia Geral de Cooperantes: eleger a mesa da Assembleia Geral; aprovar o plano anual de actividades de cooperação apresentado pela EC; aprovar o relatório anual de actividades de cooperação apresentado pela EC; pronunciar-se, obrigatoriamente, sobre a definição de estratégias de expansão e desenvolvimento da RBEP, nomeadamente sobre os critérios de

adesão de novos cooperantes e sobre o estabelecimento de novas parcerias; pronunciar-se sobre quaisquer outros assuntos de interesse para a RBEP não previstos nos regulamentos; delegar na EC as competências executivas e de representação da RBEP; eleger os seus representantes na EC e no CTC; e aprovar o Regulamento de Cooperação e o Regulamento de Empréstimo Interbibliotecas.

A Assembleia Geral de Cooperantes reúne em sessões ordinárias duas vezes em cada ano escolar e em sessão extraordinária quando a equipa coordenadora ou o Concelho Técnico/Científico julgar necessário, ou a pedido de pelo menos um terço dos seus membros.

3. A RBEP como comunidade de prática: resultados comentados

Neste texto, pretendemos dar conta de parte dos resultados de uma investigação sobre a RBEP como comunidade de prática e a identidade dos professores bibliotecários. Fomos orientados pelos objectivos que passamos a lembrar: caracterizar a RBEP como uma comunidade de prática; conhecer as perspectivas dos professores bibliotecários sobre a comunidade de prática em que participam; e identificar as mudanças ocorridas nas identidades de professores bibliotecários em função da sua pertença à Rede.

Os resultados que apresentamos e comentamos de seguida provêm, como dissemos, de dois questionários, que designámos por QA e QB, de dados recolhidos consultando a área restrita da plataforma e de entrevistas semi-estruturadas (E).

3. 1 Questionário A

Relativamente ao Questionário A, no qual pretendíamos ter um melhor conhecimento da RBEP, inquirimos os bibliotecários escolares no intuito de verificar se estávamos perante uma comunidade de prática e, para tal, colocámos questões sobre o funcionamento da comunidade em geral: sua linguagem, a plataforma RBEP, o impacto da rede e a satisfação profissional dos bibliotecários escolares.

Relativamente à linguagem da comunidade, 71% dos professores bibliotecários consideraram que a RBEP tem uma linguagem própria dos bibliotecários. Os termos recorrentes na comunidade RBEP relacionam-se essencialmente com terminologia da Biblioteconomia e das Ciências da Informação e Comunicação: “catálogos”, “catalogação”, “cota”, “CDU” (Classificação Decimal Universal), “indexação”, “analíticos”, “responsabilidade intelectual”, “tipo de documentos”, “ficheiros”, e “aplicação informática”. Foi salientada a utilização com rigor de linguagem técnica. Os termos menos referidos pelos professores bibliotecários são a leitura, a literacia e o Plano Nacional de Leitura.

Neste questionário, pudemos verificar que os professores bibliotecários consideraram que a sua responsabilidade em relação à sua prática profissional aumentou com a pertença à RBEP (93%).

Estes dados permitem-nos concluir que a RBEP é do agrado destes profissionais, nomeadamente pelo acompanhamento que recebem para a melhoria das suas práticas e com mais rigor, com a ajuda de coordenadores com formação especializada na área.

Por isso, compreendemos que todos os professores bibliotecários manifestem vontade em continuarem a ser membros da RBEP, tendo 29 % dos inquiridos respondido que consideravam satisfatório pertencer à RBEP e 71% muito satisfatório. O esclarecimento de dúvidas, a assistência através da formação, a troca de experiências são, para a melhoria das práticas, aspectos fundamentais referidos nos questionários e nas entrevistas.

Compreende-se também que pretendam continuar nesta comunidade, onde desenvolvem melhor a sua profissionalidade. Elemento fundamental para o bom funcionamento da comunidade de prática, o ambiente vivido nesta rede foi considerado muito positivamente pela maioria dos professores bibliotecários (86%). Profissionais motivados, continuam a participar na rede. Várias razões são apontadas como **motivação** dos professores bibliotecários em pertencerem a esta rede: o ambiente muito positivo; a partilha e troca de experiências, de saberes; os esclarecimentos; a possibilidade de formação; a resolução de problemas; a necessidade de conhecer outras experiências e de obter novos conhecimentos; a discussão de dúvidas; a colaboração; a disponibilidade dos outros; o empenho, e a solidariedade entre professores bibliotecários. São também referidos os seguintes aspectos positivos: aprender com os colegas, trabalhar em rede contactando com outros professores bibliotecários, ficando, desta forma, “minimamente actualizados”. Outro aspecto relacionado com a motivação referido por um dos membros da equipa de coordenação centra-se na missão das bibliotecas escolares: “as bibliotecas escolares são as mais importantes do país e enquadram-se na actividade pedagógica”.

O questionário A forneceu-nos ainda dados sobre a forma como os bibliotecários escolares consideram a plataforma da RBEP e qual a importância que lhe atribuem para a sua prática. A **plataforma da RBEP** é considerada um importante meio de comunicação (para além das informais sessões de formação semanais) e de colaboração entre os professores bibliotecários, pela qual é feita a circulação e a partilha de informação entre os utilizadores, nomeadamente, a divulgação da agenda de trabalho, dos catálogos e dos documentos.

Os professores bibliotecários **recorrem à plataforma** essencialmente para os fins seguintes: ler as notícias da RBEP; informar-se das convocatórias para as reuniões de formação; consultar documentos de apoio à prática profissional; disponibilizar o catálogo da sua escola; consultar o correio da RBEP; publicar notícias; ler a apresentação do livro da semana do Centro de Recursos e Investigação para a Literatura Infantil e Juvenil – CRILIJ; e partilhar documentos com os outros professores bibliotecários.

A **frequência** de consulta da plataforma da RBEP incide sobretudo em duas ou três vezes por semana (51% dos inquiridos). Esta plataforma tem um papel forte na criação da identidade dos professores “rebepianos” (designação afectiva dada pelos coordenadores da rede). Esta tem uma área pública, na qual são apresentadas notícias, e sugestões semanais de leitura da CRILIJ, e uma área destinada a cada escola, acessível através de uma senha e que cada escola pertencente à RBEP pode gerir, após ter efectuado o registo para aceder às ferramentas de publicação disponíveis. Entrar nesta área restrita é o primeiro passo para a afirmação da identidade individual de cada professor bibliotecário.

Os dados recolhidos no questionário A permitem concluir sobre o papel fundamental da plataforma da RBEP. Os professores bibliotecários referiram que ela é um elemento fundamental da rede RBEP, sendo percebida como “fonte de informação e de actualização, de “divulgação do trabalho das Bibliotecas Escolares”, de “partilha de experiências” e de “saberes”, estando “acessível a todos e a toda a hora”, “um óptimo instrumento de trabalho ao alcance de todos”, sendo usada “com os alunos do 1º ciclo e pré-escolar” e também como fonte de recursos para os professores, onde encontram “sugestões (algumas) de trabalho”. Uma das professoras bibliotecárias considerou-a quase indispensável e usou uma imagem para a caracterizar: *“o portal da RBEP catapulta as nossas bibliotecas para o mundo, dando visibilidade ao trabalho desenvolvido nas escolas, e principalmente nas bibliotecas escolares da Rede”*. Desta forma, verificámos que a plataforma é considerada como *“fundamental para o dinamismo da RBEP, enquanto veículo actualizado aberto, acessível, graficamente agradável e com muito interesse”*. A existência desta plataforma constitui uma inovação importante na área das bibliotecas, nomeadamente com o uso das tecnologias para a melhoria das práticas e para facilitar o trabalho em rede. Talvez por isso, os professores bibliotecários a considerem: *“Uma pedrada no charco. Não havia nada semelhante”*.

A RBEP também é considerada “muito viva”, uma vez que ela representa todas as individualidades, isto é, os professores bibliotecários. Foi salientado por um membro da equipa de coordenação, que na rede estão pessoas que não são “formatadas”, antes existe um respeito pelas individualidades de cada um, pretendendo-se que essa característica seja uma mais-valia para a rede, porque fomenta o espírito crítico.

Para além disso, a RBEP é alimentada regularmente com documentos, embora alguns bibliotecários tenham comentado a necessidade de haver mais, assim como a abertura de fóruns com o intuito de reflectir sobre documentos de base e sobre o que acontece nos seus encontros presenciais.

3. 2 Análise da plataforma RBEP

Extraímos da plataforma RBEP dados disponibilizados pelos seus administradores, sobre as práticas desenvolvidas pelos professores bibliotecários, dados estes que apenas estão acessíveis na área restrita dos bibliotecários que se registam com login. Assim, quanto às práticas desenvolvidas pelos professores bibliotecários, a análise da plataforma da RBEP permite constatar o seguinte: 69 autores publicaram 428 notícias repartidas por oito assuntos diferentes e, na “Virtualteca”, área da plataforma onde são partilhados ficheiros de recursos, 69 autores efectuaram publicações sobre 20 assuntos, num total de 378 documentos, mas apenas 285 estão disponíveis para o público, estando os outros apenas consultáveis no modo de administração, na base de dados. Verifica-se que ainda são essencialmente os coordenadores da RBEP que disponibilizam recursos para os outros professores (230 recursos). No entanto, tem sido registada uma evolução no sentido de uma maior participação na plataforma, aspecto fundamental para o bom funcionamento desta rede.

3. 3 Questionário B

O questionário B foi enviado, via correio electrónico da plataforma, para todos os professores bibliotecários, com uma única questão: “Para si, o que representa a RBEP?”. Nos dados recolhidos, o termo mais evidenciado pelos professores bibliotecários é “partilha”. Especificando, trata-se da partilha de recursos, de catálogos, de problemas, de ideias, de angústias e de experiências.

Nas percepções que os professores bibliotecários têm relativamente à RBEP, verifica-se a insistência no “espaço”. Para eles a RBEP é um local de divulgação do trabalho das BES [Bibliotecas Escolares]; de colaboração; de formação; de apoio / formação; de cooperação, de formação, de actualização contínua, de partilha de informação; de resolução de dúvidas e problemas funcionais; de divulgação de iniciativas de interesse comum, potencialmente promotoras de boas práticas; de diálogo; de formação; de partilha de iniciativas e de saberes.

A RBEP é “também um espaço que nos propicia a certeza de saber que somos ouvidos, entendidos e apoiados, no fundo que falamos a mesma linguagem e partilhamos dos mesmos ou idênticos anseios. Finalmente é também um espaço que revela de forma óbvia a importância fundamental que as Bibliotecas Escolares têm em cada uma das Comunidades Educativas, no intercâmbio entre Escolas e na própria Comunidade envolvente”.

Este espaço é considerado importante pelos professores bibliotecários: “*penso que é importante existir, é uma forma de coordenação, informação e apoio que faz todo o sentido.*” Desta forma a RBEP é considerada como espaço de encontro, de ajuda, de disponibilidade, de informação, de empenho das equipas, de colaboração e de visibilidade do trabalho das Bibliotecas Escolares,

nomeadamente através da divulgação de trabalhos das diferentes bibliotecas, de divulgação de iniciativas de interesse comum, potencialmente promotoras de boas práticas.

Uma outra percepção da RBEP evidenciada pelos professores bibliotecários desta rede é a “*dinâmica de trabalho*”, que implica, também, “*disponibilidade*” que nem todos têm, devido ao seu horário de trabalho impossibilitar a sua presença nas sessões de formação: “*tenho pena que, por motivo de horário, não possa aproveitar mais as reuniões, mas tenho esperança que no próximo ano isso seja corrigido*”. Esta impossibilidade de estar presente demonstra a falta de sensibilidade de alguns Conselhos Executivos para as questões das bibliotecas escolares, porque os coordenadores da RBEP solicitaram à Direcção Regional de Educação do Norte (DREN) o aconselhamento dos Conselhos Executivos para libertarem os professores bibliotecários à terça-feira à tarde, a fim de se reunirem com outros professores bibliotecários, sendo este tempo equivalente a tempo prestado na biblioteca escolar.

A formação é outro termo salientado por estes profissionais, havendo uma professora bibliotecária que referiu que se trata de “*um privilégio usufruir de formação contínua em grupo ou personalizada*”.

A RBEP assume uma função importante na identidade profissional dos professores bibliotecários: “A RBEP é Porto de Abrigo, com toda a carga semântica que se pode LER na expressão”, representa saber e também a “união de professores que acumulam a essência dessa vocação com a função de bibliotecários escolares” e que trabalham juntos para terem uma certa visibilidade, e para que haja um “reforço de auto-estima no âmbito duma área de trabalho ainda pouco reconhecida / valorizada (pelo meio escolar) na multiplicidade de esforços que exige”. Assim vai sendo reconhecido “um verdadeiro sentido de rede”.

3. 4 Entrevistas

Nas entrevistas, pudemos constatar que muitos dos dados referidos anteriormente nos questionários A e B foram reiterados e, como tal, iremos apenas centrar-nos na questão da falta de reconhecimento dos professores bibliotecários em geral, para quem esta rede é uma solução para dignificar a sua profissionalidade e dar visibilidade às suas práticas profissionais. Os professores bibliotecários e os coordenadores da RBEP reconhecem que a assinatura do protocolo da RBEP levou a que houvesse uma maior sensibilização dos Conselhos Executivos / Directores para a biblioteca e para o seu trabalho. Na RBEP é reconhecido existir uma identidade colectiva, porque se desenvolvem acções partilhadas na plataforma, como a publicação dos seus catálogos, a leitura das notícias, etc. No entanto, nas suas bibliotecas não podem viver a sua profissionalidade plenamente, porque também estão envolvidos em processos de avaliação de professores, e têm falta de tempo. Uma das questões salientadas pelos

professores bibliotecários da RBEP é a defesa da ideia que o seu trabalho é uma actividade lectiva, uma vez que estão a formar leitores, pais e alunos, e recomendam que todos deveriam ter aulas de pesquisa, de utilização de catálogo, e deveriam aprender a fazer um trabalho, referências bibliográficas...

Questionados sobre a ocupação a tempo inteiro da função de professores bibliotecários, alguns profissionais sentiram a necessidade de leccionar a uma turma, para não se desligarem da sua identidade profissional: ser professor. Para além disso, salientaram a vantagem de poderem experimentar novas estratégias / actividades com alunos. Outros não se manifestaram descontentes em se dedicarem exclusivamente à biblioteca escolar, no entanto, consideraram essencial haver momentos de reuniões entre professores bibliotecários e em nada julgaram benéfico estarem 35 horas semanais numa biblioteca.

Conclusões

Neste artigo apresentámos a estrutura da RBEP e os seus objectivos. Verificámos que esta tem uma área geográfica extensa, extravasando o concelho do Porto e comprovámos tratar-se de uma comunidade de prática de professores bibliotecários, pois possui um domínio de interesse e constitui-se como uma comunidade de profissionais com um orientação comum, um empreendimento conjunto e um empenhamento mútuo. Para além disso, nela, também é partilhada e desenvolvida uma prática sobre o domínio de referência.

Através dos dados recolhidos nos inquéritos, na análise da plataforma e nas entrevistas, foi possível verificar alguns efeitos desta rede. Assim, com a plataforma da RBEP, as bibliotecas escolares dão visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos professores bibliotecários e contribuem para a melhoria da literacia e do sucesso escolar. Os profissionais não se sentem isolados nas suas escolas, podem confrontar ideias com outros que desenvolvem a mesma actividade através da plataforma e presencialmente nos encontros semanais.

Também foi possível atingir a consciência de que esta rede é um modelo a seguir para o desenvolvimento da profissionalidade dos professores bibliotecários, por ser um ambiente colaborativo, onde se ajuda a construir redes de saberes e onde se consolidam e melhoram práticas, contribuindo para atingir a eficiência e para atenuar a crise de identidade que se vive actualmente na profissão.

Embora reconhecendo as limitações do trabalho desenvolvido, este permite-nos concluir que estamos perante uma experiência inovadora a nível nacional no que ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação diz respeito. Os professores bibliotecários, nos questionários e nas entrevistas, exprimem esta visão, e a própria RBE, no seu sítio da Internet, admite que a RBEP foi percursora, tendo proposto a criação de outras redes, com estrutura similar, por todo o país.

A RBEP é um modelo já seguido e que pode verdadeiramente ser adoptado por outros grupos de professores e por outros serviços de apoio educativo, a fim de serem criadas outras comunidades de prática que muito poderão contribuir para apoiar os docentes nas suas tarefas específicas, envolvendo-os de forma activa, e para reforçar o seu sentido de pertença, de partilha e de identidade profissional individual e colectiva.

Nota final

1. Recente mudança legislativa (publicada em 22 de Junho de 2009 em <http://www.dgrhe.min-edu.pt/Portal/> e em <http://www.rbe.min-edu.pt/>)

Referências

Calixto, José António (1996) *A Biblioteca escolar e a sociedade da informação*. Lisboa: Caminho.

Calçada, Teresa (2009) Bibliotecas escolares em todas as escolas básicas. Boletim dos Professores. N.º 14. 2-3.

Carvalho, Adão - A Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP): um espaço de partilha e cooperação. Rede de Bibliotecas Escolares - Newsletter [em linha]. N.º 2 (2007). [Consult. 20-03-2008]. [Online]

http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter2/newsleter_n2_ficheiros/page0004.htm

Corrêa, Elisa et al. (2002) Bibliotecário escolar: um educador? In Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 7, N.º 1.

Dubar, Claude (1997) *A Socialização: construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.

Lopes, Amélia (2008). *La construcción de identidades docentes como constructo de estructura y dinámica sistémicas: argumentación y virtualidades teóricas y prácticas*. [Consult. 06-06-2008]. [Online] <http://www.ugr.es/local/recfpro/rev113COL1.pdf>.

Marc, Edmond (2004) La construction identitaire de l'individu. In Halpern, Catherine e Borbalan, Ruano-borbalan, Jean-Claude (Orgs) *Identité(s): l'individu, le groupe, la société*. Auxerre : Sciences Humaines, 33-39.

Manifesto da RBEP – [Consult. 20-03-2008] [Online]

http://www.rbe.min.edu.pt/np4/?newsId=149&fileName=manifesto_RBEP.pdf

Novo, Ana (2007) Bibliotecário escolar, biblioteca e sucesso educativo: uma revisão da literatura. In CALIXTO (2007) *Ter ou não ter Bibliotecário Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Nóvoa, António (1992) “Formação de professores e profissão docente” in Nóvoa, António (Orgs.) *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. 15-33.

Nóvoa, António (Orgs.) (1995) *Vidas de Professores*, Porto: Porto Editora. 11- 30.

Pinto, Leonor Gaspar, OCHÓA, Paula (2007) Crenças, tradições e dilemas sobre perfis e competências de Informação-Documentação: o contributo da investigação. In CALIXTO, José António (2007) *Ter ou não ter Bibliotecário Escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 71-112

Rede de Bibliotecas Escolares - [Consult. 20-10-2006] <http://www.rbe.min-edu.pt/>

Rede de Bibliotecas Escolares do Porto - [Consult. 20-03-2007] <http://194.79.88.139/rbep/>

Rodrigues, Elóy (1994) *Estudo da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto*. Porto: Câmara Municipal.

Wenger, Etienne (1998) *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: University Press.

Wenger, Etienne, McDermott, Richard e Snyder, William (2002) *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Boston: Harvard Business of School Press.

Wenger, Étienne (2005) *La théorie des communautés de pratique*. Québec : Les Presses de l'Université Laval.